

# O dualismo filosófico e o lugar dos brancos conquistadores no pensamento ameríndio, segundo Claude Lévi-Strauss

Thiago Toledo L. F. da Rocha\*

**Resumo:** No presente artigo, mostro inicialmente, a partir do desvelamento de certos pressupostos de Claude Lévi-Strauss a respeito do pensamento selvagem e do modo de operar do espírito humano, a maneira como, em *A história de Lince* (1991), o autor compreende a interpretação dos ameríndios em relação a chegada dos brancos conquistadores na América colonial. Em seguida, aponto de que modo essa chave de leitura ameríndia está relacionada ao princípio filosófico e ético-político do dualismo, o qual, segundo Lévi-Strauss, está na base do pensamento dos povos indígenas das américas.

**Palavras-chave:** pensamento ameríndio; mitologia; espírito humano; dualismo filosófico.

\*Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Contato: throcha34@usp.br

## El dualismo filosófico y el lugar de los blancos conquistadores en el pensamiento amerindio, según Claude Lévi-Strauss

## The Philosophical dualism and the place of the white colonizers in the amerindian thought, accordingly to Claude Lévi-Strauss

**Resumen:** En el presente artículo, muestro inicialmente, a partir del desvelo de ciertos presupuestos de Claude Lévi-Strauss acerca del pensamiento salvaje y del modo de operar del espíritu humano, la manera como el autor comprende la interpretación de los amerindios en relación a la llegada de los blancos conquistadores en la América colonial en "A História de Lince" (1991). Luego señalo de qué modo esta clave de lectura amerindia está relacionada con el principio filosófico y ético político del dualismo, el cual, según Lévi-Strauss, está en la base del pensamiento de los pueblos indígenas de las Américas.

**Palavras clave:** pensamiento amerindio; mitología; espíritu humano; dualismo filosófico.

**Abstract:** In this article, first, departing from the unveiling of Lévi-Strauss' premises about the savage mind, I present the way the author conceives the interpretation of the Amerindians regarding the arrival of white colonizers in Colonial America in "A História de Lince" (1991). Then, I point out the way this interpretative key of the Amerindians is connected to the philosophical and ethico-political principle of dualism, which, according to Lévi-Strauss, is at the basis of Amerindian people's way of thinking.

**Keywords:** Amerindian thought; Mythology; Human Spirit; Philosophical dualism.

## Os Mitos e o Espírito Humano

Na magistral “Abertura” de *O cru e o cozido* (1964), Lévi-Strauss afirma que a experiência das mitológicas seria a mais decisiva de toda a sua trajetória intelectual. Isso porque, ao contrário das regras de parentesco, costumes e imperativos sociais abordados nas *Estruturas elementares do parentesco* (1955), os mitos permitiriam ao antropólogo acessar o pensamento humano puro, refletindo sem obstáculos, obrigações ou regras sociais. Ou ainda, em outras palavras, o estudo dos mitos possibilitaria visualizar os princípios e estruturas mentais inerentes à mente humana. Como coloca o autor, na mitologia, o espírito humano pensante tem “total liberdade para se entregar à própria criatividade espontânea” (LÉVI-STRAUSS, p. 38- 39).

Tal como mostra Frederick Keck (2013), a empreitada de Lévi-Strauss nas Mitológicas, ao buscar mapear a arquitetura transcendental da mente humana, isto é, o conjunto das diferentes categorias, atividades e níveis lógicos por meio dos quais o espírito humano percebe o real, aproxima-se do projeto epistemológico kantiano, sobretudo em *A crítica da razão pura* (2015).

Compreendendo o espírito humano como “um objeto dotado de realidade própria, independente de todo e qualquer sujeito” (LÉVI-STRAUSS, 1964), o pai da antropologia estrutural se insere explicitamente no gênero de investigação que Kant inaugurou, o qual isola razão e a concebe como um objeto puro, isolado, desvinculado de todo suporte material ou fisiológico. Todavia, há uma diferença fundamental entre as investigações metafísicas de ambos, que é já bastante evidente no *Pensamento Selvagem*: enquanto Kant e boa parte da tradição filosófica ocidental que lhe sucede isola e desvincula o processo cognitivo de suas determinações particulares, isto é, do solo social objetivo do qual emerge, Lévi-Strauss o

investiga em meio a tais determinações (PIMENTA, 2013), algo que, do ponto de vista filosófico, como o próprio autor destaca em *De perto e de longe*, o aproxima do marxismo. Não é à toa que nas *Mitológicas*, Lévi-Strauss fornece não apenas os elementos concretos sobre e através dos quais os mitos refletem, mas também as características organizacionais e socioculturais das tribos locutoras dos mitos estudados.

O grande objetivo de Lévi-Strauss é, portanto, o de extrair os axiomas e princípios estruturais os quais determinam certas elaborações inconscientes comuns ao espírito humano e que, por isso, se manifestam em diferentes contextos históricos e etnológicos ao redor do mundo. Os mitos, nesse sentido, revelar-se-iam como o material mais favorável para essa pretenciosa tarefa.

Será em *A estrutura dos mitos*, texto bastante conhecido e aclamado, publicado em 1955, que o autor fornecerá o pontapé inicial ao estudo estrutural das narrativas míticas, o qual será levado adiante nas *Mitológicas*, das quais *O Cru e o Cozido* (1964) é o primeiro livro. No artigo de 1955, Lévi-Strauss já levantava a seguinte questão, que permeia toda a sua empreitada nas *Mitológicas*: se os mitos são inteiramente contingentes, como explicar que em regiões tão afastadas geograficamente, eles se reproduzam com as mesmas características e, muitas vezes, os mesmos detalhes? (LÉVI-STRAUSS, 1955).

As *Mitológicas* são uma tentativa de resposta a essa indagação que há muito já ocupava às ciências humanas. Os resultados de suas investigações, como veremos adiante, levaram-no a sustentar que o pensamento mítico revela certas estruturas e operações lógicas comuns ao pensamento humano. Será com base nessas ideias que em *História de Lince* (1991) - livro cujos mitos esmiuçaremos adiante - o autor afirmará que as semelhanças entre os mitos indígenas e os contos

franceses, possivelmente adviriam “de propriedades inerentes ao pensamento mítico [...] que orientam seu poder criativo” (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 171).

## **Pensamento Mítico e Pensamento Selvagem: Uma Revolução Epistemológica**

O *pensamento selvagem*, publicado em 1962, lança as bases para a construção das Mitológicas. Como sublinha Beatriz Perrone-Moisés (2010) a reflexão que fundamenta o projeto colocado em marcha no primeiro livro, já havia sido desenvolvido no primeiro capítulo do segundo, no qual o autor brilhantemente discorre sobre a ciência do concreto e sobre a chamada lógica das qualidades sensíveis, as quais caracterizam o pensamento selvagem, e consistem num modelo de pensamento que dá primazia a percepção dos sentidos, reconciliando a oposição entre sensível e inteligível.

Nessa obra magistral, *O pensamento selvagem*, o autor mostra as vantagens e a engenhosidade desse modo de pensar que, fundamentado pela imaginação e pela sensibilidade, é capaz de realizar uma sistematização do mundo natural que, além de ser tão eficaz quanto o pensamento abstrato, permitiria uma compreensão ainda mais minuciosa do que a fornecida pela ciência moderna. Nesse sentido, o autor insiste que o pensamento primitivo não é atrasado, inocente, precário, nem tampouco contaminado pela afetividade, mas é uma forma de raciocínio que, atenta e imersa no ambiente no interior da qual está inscrita, faz dela um meio cultural para se pensar. É, segundo Lévi-Strauss, um modo de pensamento bastante próximo ao dos naturalistas, botânicos e zoólogos já que, assim como esses, produz uma enorme, sofisticada e minuciosa sistematização do ambiente natural através de uma imersão profunda nele.

O pensamento simbólico selvagem, como revela Lévi-Strauss, não separa completamente natureza e cultura. Ele opera e produz sentido mantendo ambas num mesmo plano, enquanto dois grandes conjuntos de diferenças e oposições entre os quais se estabelecem relações. Ao operar dessa maneira, o pensamento selvagem supera a distinção canônica, sobre a qual, desde o século XVII, se assenta a ciência moderna, entre sensível e inteligível, esfumando assim a descontinuidade entre natureza e cultura. O próprio nome do livro, *Pensée Sauvage* que, na língua francesa, consiste no nome de uma flor, revela quase tudo sobre o seu conteúdo: a estrutura de uma flor, ou ainda, a do mundo vegetal, possibilita pensar, por analogia, a estrutura do mundo humano.

Por trás dessa constatação a respeito do pensamento simbólico selvagem, como destaca Keck (2013), repousa a ideia, que está na base do pensamento do etnólogo francês, de que a natureza e a cultura se constituem ambas de estruturas, de tal forma que a cultura, por analogia, prolonga em seu próprio plano, a estruturação da natureza. Notemos, nesse sentido, que essa ideia do autor, de algum modo, seria confirmada pelo *modus operandi* do pensamento simbólico, que, numa mesma narrativa, conecta os dois níveis de estrutura – o natural e o cultural – para dar sentido à natureza, à vida, à história, à cultura e aos imperativos sociais. Ademais, uma outra característica marcante desse modo de pensamento é a de que, diferentemente do pensamento científico e filosófico ocidental, de inspiração cartesiana, que lida e reflete sobre a realidade fragmentando-a em diversos campos (cosmológico, físico, moral, jurídico, social etc.), o pensamento selvagem mítico, por seu turno, reflete considerando todas essas dimensões em conjunto. Há, portanto, uma vocação anti cartesiana intrínseca ao pensamento mítico. Frente a um problema, ele o pensa de forma global, totalizante, em todas as dimensões de modo conjunto. Ao contrário do

método cartesiano, ele não o fragmenta, tampouco aceita respostas parciais, mas aspira a explicações que abarquem a totalidade dos fenômenos (LÉVI-STRAUSS, ERIBON, 2005, p. 196).

Os “selvagens”, para Lévi-Strauss, não pensam pior, mas apenas pensam outras coisas; tem outros objetos e interesses. A sua capacidade de abstração, argumenta o autor, não é inferior à da filosofia, da matemática ou da ciência ocidentais. Na realidade, o pensamento selvagem opera através de categorias empíricas que são informadas e formuladas através da percepção sensível, mobilizando elementos concretos do mundo enquanto operadores lógicos, para, através do desdobramento de suas diferenças, relações e oposições, refletir abstratamente sobre os problemas do mundo. É por isso que Lévi-Strauss insiste que, para compreender as operações que tais categorias efetuam nos mitos, faz-se necessário conhecer as coisas concretas que as informam. Como o autor coloca

Quando se constata que determinado mito, de tal povo, existe, de forma modificada, numa população vizinha, é necessário examinar toda a literatura etnográfica relativa a essa população para assinalar em seu meio, em suas técnicas, em sua história, em sua organização social, os fatores que podem ter relação com essas modificações. Eu convivia com todos esses povos e com seus mitos, como num conto de fadas. (LÉVI-STRAUSS, ERIBON, p.186).

A análise de Lévi-Strauss nas *Mitológicas* é, por conseguinte, análoga a que se seguiu em *As estruturas elementares do parentesco* e em *O pensamento selvagem*: o seu método, no que diz respeito ao seu trabalho com os mitos ameríndios - ainda que com inúmeras influências advindas sobretudo do marxismo, da geologia, da psicanálise freudiana, e da linguística estrutural - pode ser definido, de modo um tanto quanto rudimentar, como uma perspectiva que está no

meio termo entre um empirismo com detalhes etnográficos, e um idealismo das estruturas.

No intuito de descrever o pensamento mítico, além de aproximar o pensamento mítico ao do naturalista e do zoólogo, Lévi-Strauss evoca também a figura do *bricoleur*, cuja atividade intelectual seria análoga a do mito. Ao contrário do engenheiro, que implementa, com os instrumentos e materiais que deseja, o seu projeto pré-concebido a uma natureza muda e passiva que, para ele, nada mais é do que uma superfície neutra sobre a qual construirá suas tecnologias, o *bricoleur*, dotado de um enorme poder inventivo, trabalha com os elementos e objetos naturais dinâmicos que tem a sua disposição, reutilizando-os, relacionando-os, e lhes conferindo novos sentidos (KECK, 2013). O *bricoleur* revisita e dialoga constantemente com o seu acervo para apurar o que cada objeto significa e o que pode vir a significar. Ele leva adiante suas ideias e projetos inventariando e interrogando os bens que possui, pois depende disso para ressignificá-los e mobilizá-los de modo a buscar respostas aos problemas que se colocou inicialmente (GAMA, 2013).

Não apenas a atividade intelectual do pensamento mítico selvagem é próxima da atividade do *bricoleur*, mas o próprio mito consiste numa bricolagem intelectual. Isso porque os mitos são formados por pedaços (mitemas) de outros mitos, os quais, tais como os objetos que o *bricoleur* trabalha, são constantemente ressignificados quando combinados com outros elementos.

Partindo da concepção de que o mito consiste numa bricolagem intelectual, o etnólogo destaca um elemento crucial de sua antropologia estrutural: o de que as mudanças, isto é, a variabilidade dos mitos, faz parte deles. É essa ideia que leva o autor a afirmar que “não existe versão correta, nem forma autêntica ou primitiva”. Todas as versões devem ser levadas a



sério” (LÉVI-STRAUSS, 2005).

A análise estrutural busca apreender ou mapear a transformabilidade dos mitos. À ela não interessa identificar temas ou ideias arquetípicas - algo que, inclusive, é recusado por Lévi-Strauss - mas visualizar as estruturas, operações e regras lógicas que regem as transformações que se efetuam nos mitos conforme eles percorrem suas trajetórias mundo a fora. Isso porque, para o estruturalismo, são essas estruturas e princípios lógicos que operam tais transformações nos mitos, e que constituem o modo de operar do inconsciente coletivo humano, o qual, como destacado anteriormente, não contém conteúdo ou ideias intrínsecas, mas atividades e operações lógicas comuns a mente humana. Assentado em tais pressupostos, Lévi-Strauss deriva uma noção central para a análise estrutural: o conceito de grupo de transformação, o qual consiste exatamente nessas estruturas comuns dos mitos que se revelam na medida em que a análise estrutural, tal como uma nebulosa, que começa confusa e caótica, avança e extrai os grupos de transformações do conjunto de mitos analisados.

Como nos ensina Keck (2013), até Lévi-Strauss protagonizar a sua jornada pelo pensamento selvagem, no interior das ciências humanas, inúmeras escolas e tradições de pensamento, seguidoras do idealismo kantiano, limitavam-se a afirmar que não lidamos com a realidade em si, mas tão somente com a realidade mediada pelas categorias pré-fabricadas pela razão pura e transcendental, isto é, tal como ela é percebida, categorizada e tornada inteligível pelo intelecto humano. Todavia, o desvelamento da lógica do sensível e da ciência do concreto, protagonizado por Lévi Strauss em *O Pensamento selvagem*, permitiu ao autor adentrar o campo de uma certa ontologia espinosana, por meio da qual passa-se a compreender o real ou a natureza, não apenas como objetos de investigação do intelecto humano, mas enquanto estruturas que fornecem os elementos

necessários para o pensamento (KECK, 2013). É esse raciocínio que o leva a afirmar que o próprio pensamento humano é homólogo ao objeto que estuda (o mundo), porque o mundo é ele mesmo um amontoado de diferenças relacionais (LÉVI-STRAUSS, 1962). Dessa maneira, o autor concretiza aquilo que, desde o início, revelou ser uma das principais ambições do seu estruturalismo: esfumçar as cisões radicais entre pensamento e realidade, sensível e inteligível e natureza e cultura, as quais dominavam o pensamento filosófico ocidental desde as investigações metafísicas kantianas.

## **O Mito enquanto um Instrumento de Reflexão sobre o Mundo**

Tal como fez Jean Pierre Vernant em *razão dos mitos* (1973), em *A estrutura dos mitos* (1955), Lévi-Strauss, realiza mais uma etapa do seu revolucionário projeto de política epistemológica, o qual, como destacado anteriormente, já se mostrava claro em o “Pensamento selvagem” (1962). No texto de 1955, o autor empreendeu o esforço de reabilitar o mito enquanto um modo racional e lógico de pensamento. O etnólogo recusa a oposição canônica entre *mythos* e *logos*, cristalizada no pensamento ocidental desde a Grécia antiga, que associava os mitos a um discurso enganador, irreal, enganoso e emocionado, e vinculava o *logos* ao ideal da racionalidade articulada, ao rigor lógico, e a verdade alcançada por meio do raciocínio filosófico.

No intuito de demonstrar tal caráter pensante das narrativas mitológicas, em *A estrutura dos mitos* (1955), Lévi-Strauss mostra que o famoso mito de Édipo exprimia “a impossibilidade de uma sociedade que crê na autoctonia do homem, em assimilar o fato de que cada um de nós provém da união de um homem e de uma mulher”, e fornece o instrumento lógico que articula o problema “nasce-se de um ou de dois?” a questão “o mesmo nasce do mesmo, ou do

outro?”, permitindo, assim, melhor pensá-lo. (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 233).

Quando Eribon lhe pergunta “para que serve o mito?”, o autor brilhantemente responde: “para explicar por que, diferentes de início, as coisas se transformam no que são, e por que elas não podem ser de outra maneira (LÉVI STRAUSS, ERIBON, 2005, p. 198). Para Lévi-Strauss, por conseguinte, os mitos são sistemas lógicos de pensamento, que refletem e tentam encontrar soluções para problemas do mundo relativos à organização social, a enigmas cósmicos, a conflitos culturais etc., fornecendo modelos lógicos para resolver contradições.

No final do artigo de 1955, o autor ainda vai além, e é incisivo em afirmar que a lógica do pensamento mítico é tão exigente quanto a que fundamenta o pensamento positivo e que, no fundo, quase não se difere dela, uma vez que a dissemelhança entre essas duas formas de raciocínio estaria “menos na qualidade das operações intelectuais do que na natureza das coisas a que se referem tais operações” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 248). O que mudaria, portanto, seria tão somente o conteúdo com o qual as mentes humanas, igualmente capazes e dotadas dos mesmos instrumentos lógicos, lidam no interior dos seus respectivos universos histórico e sociocultural.

## O Dualismo em Perpétuo Desequilíbrio

Se o mito é, portanto, uma ferramenta de reflexão sobre o mundo, como os ameríndios pensaram o encontro com os brancos conquistadores? Essa será a pergunta norteadora da investigação etnológica empreendida por Lévi-Strauss em *História de Lince*.

Interessado em compreender como a mitologia ameríndia pensa esse fatídico encontro e, mais especificamente, em depreender a razão pela qual povos tão afastados geograficamente, de regiões da América do Sul e do Norte, incorporaram os colonizadores brancos a partir dos seus elementos culturais de forma tão orgânica e natural na sua mitologia, o autor realiza no último e decisivo volume da coleção Mitológicas, o que descreve, na “Abertura” de *O Cru e o cozido* (1964) como sendo o ofício do antropólogo: ele observa, por meio de uma investigação etnológica robusta, entendimentos coletivos, cujas propriedades são reveladas por meio de sistemas concretos de representações (LÉVI-STRAUSS, 1964). Como coloca Eduardo Viveiros de Castro, tal empreendimento de Lévi-Strauss em *História de Lince*, culminou numa verdadeira teoria etnológica do pensamento mítico ameríndio.

A investigação etnológica realizada no livro permitiu ao antropólogo francês extrair da mitologia ameríndia um princípio de pensamento comum que estaria na base da produção mitológica, das regras e organizações sociais ameríndias, bem como na forma que compreendem a vida e a história. Este princípio, o dualismo em perpétuo desequilíbrio, se manifestaria nas narrativas míticas através da figura da generalidade desigual, marca registrada dos mitos indígenas de povos da América do Sul e do Norte.

Será, portanto, através da descoberta dessa dicotomia estruturante do pensamento ameríndio, que o autor explicará a integração orgânica dos brancos pela mitologia nas narrativas míticas ameríndias. Todavia, antes de adentrar a análise de Lévi-Strauss acerca do dualismo nos mitos ameríndios, cabe compreender de modo mais detido a metodologia que o permitiu analisar sistematicamente os mitos, de modo a identificar suas estruturas, e reconhecer a seu *modus operandi*.

## Mito, Linguagem e Análise Estrutural

O método da antropologia estrutural, cujos pressupostos gerais estão presentes nos dois volumes de *Antropologia Estrutural*, deita suas raízes nas lições das linguísticas, sobretudo de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson. Ao longo de sua obra, Lévi-Strauss se utilizou delas para investigar inicialmente os princípios estruturais do pensamento humano que estavam por trás do fenômeno mal compreendido do totemismo, em *O totemismo hoje* (2003) da proibição do incesto e dos arranjos de parentesco em *Estruturas elementares do parentesco* (1949) e, finalmente, do pensamento mítico, nas *Mitológicas*.

O mito, arbitrário na forma, por ser um meio de relacionar estruturas de oposição e uma matriz de inteligibilidade do mundo, é análogo a linguagem. Todavia, o mito, apesar de partir dos signos linguísticos, se coloca num terceiro plano, em que, não apenas conceitos e imagens são mobilizados, mas grandes temas e problemas de ordem prática ou filosófica. Desse modo, o mito deve ser compreendido como uma “superlinguagem” (KECK, 2013).

Tal como a língua, os mitos são compostos por grandes unidades constitutivas, os mitemas. São eles que, combinados entre si, produzem a totalidade de sentido da narrativa mítica. Os mitemas, que nada mais são do que pacotes de relações entre elementos significantes que produzem frases em si carentes de significado, são análogos aos fonemas pois, assim como esses últimos, só produzem significados quando combinados com outros elementos em relação. É por esse motivo que a análise estrutural considera e opera tais mitemas enquanto feixes de relações, pois é da combinação desses feixes que esses adquirem uma função significativa (LÉVI - STRAUSS, 1955).

A consciência dos homens, para Lévi-Strauss, é apenas um ponto de passagem para as relações entre os mitemas, as quais se situam fora dela. Os locutores dos mitos, nesse sentido, transformam a matéria mítica de acordo com as regras estruturais que regem as relações dos mitos entre si, que provém do espírito pensante. Não é, portanto, a consciência que determina o mito; ela apenas articula, quase como num quebra - cabeça, as suas relações significantes, de modo a ser capaz de visualizar, por meio do mapeamento de sua variabilidade, as suas transformações lógicas. Como nos revela Mariza Werneck (2002), nas *Mitológicas*, Lévi-Strauss deixou-se impregnar pela matéria mítica, permitindo-se atravessar por ela, e transformou seu corpo e sua mente em simples receptáculo. Forneceu a sua consciência para que os mitos pensassem entre si, à sua revelia. Será essa empreitada intelectual e existencial empreendida pelo etnólogo nas *Mitológicas*, que o leva a elaborar a sua famosa e aparentemente enigmática frase de que “não são os homens que pensam os mitos, mas os mitos que se pensam nos homens” (LÉVI -STRAUSS, 2005).

Lévi-Strauss organiza uma multiplicidade de mitos utilizando suas unidades constitutivas como elementos de base, formando uma espécie de tabela/matriz. Ao colocar as unidades constitutivas em perspectiva diacrônica, a mesma linha, da esquerda para a direita, narra o mesmo mito, ao passo que as unidades constitutivas expostas em colunas, apresentam um feixe de relações entre versões distintas, formando então uma grande unidade constitutiva. Como o autor revela,

É preciso incubar o mito durante alguns dias, semanas, às vezes meses, até que, de repente, a centelha brote e que, em determinado detalhe inexplicável de um mito, se reconheça, modificando, determinado de um outro mito, e que se possa, por esse ângulo, reduzi-lo a unidade. Tomado por si, cada

detalhe não é obrigado a significar algo, porque é no seu relacionamento diferencial que reside a sua inteligibilidade (LÉVI-STRAUSS, ERIBON, 2005, p. 188).

A análise do mito de Édipo realizada por Lévi-Strauss em *Estrutura dos mitos*, exemplifica a manipulação do mito tal como se ele fosse uma partitura musical. O autor cria quatro colunas com base nas principais relações existentes entre as versões distintas do mito de Édipo: (i) relações de parentesco superestimadas; (ii) relações de parentesco subestimadas ou desvalorizadas; (iii) negação da autoctonia humana; (iv) autoctonia humana. O resultado dessa esquematização permite vislumbrar uma característica essencial dentro da estrutura da narrativa mítica: as contradições existentes entre as colunas, isto é, entre as grandes unidades constitutivas dos mitos.

A estrutura dos mitos ameríndios também tende a criar oposições como base do pensamento lógico. As versões conhecidas dos mitos zuñi de origem e de emergência, por exemplo, apresentam a oposição entre vida e morte através da ideia de agricultura e caça. No entanto, tais termos tendem a ambiguidade e a contradição. A agricultura pode ser “vida” na medida em que a vida humana também é compreendida entre os *pueblo* como a emergência para fora da terra, mas pode igualmente significar “morte” devido ao seu caráter periódico. A caça pode designar “vida” por ser uma fonte de alimento, mas também pode simbolizar a “morte” pois se assemelha a guerra (LÉVI-STRAUSS, 1955). São, portanto, as diferentes oposições e contradições entre os termos permitem que sejam empregados, ora em ordem simétrica, ora de forma invertida, contraditória ou assimétrica.

No interior da estrutura das narrativas míticas ameríndias analisadas por Lévi Strauss, os personagens mediadores, denominados de “messias” ou de “tricksters”, dotados, quase



sempre, de um caráter dual, ambíguo, exercem um papel fundamental. São eles que fornecem as articulações lógicas entre os elementos e os outros personagens da narrativa, e que juntam as extremidades opostas através das quais o pensamento mítico opera. Como destaca Lévi-Strauss, “o aparecimento de um termo contraditório bem no meio do processo dialético está relacionado ao surgimento de uma dupla série de pares dioscúricos, cuja função é operar uma mediação entre os dois polos” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 240). O sistema opositivo em meio ao qual os tricksters desempenham os seus papéis de articuladores lógicos, termina por dar continuidade, num movimento dialético, ao dualismo em perpétuo desequilíbrio que está na base de todo o pensamento mitológico ameríndio.

Mais adiante, veremos mais detalhadamente, através dos mitos analisados em *História de Lince*, a função, bem como as implicações da atuação desses mediadores nas narrativas míticas.

### **A Figura dos Gêmeos da História de Lince: Dos Mitos Ameríndios aos Mitos Indo-Europeus**

Em *História de Lince*, Lévi-Strauss trabalha com dois grandes conjuntos de mitos ameríndios que trazem à tona o tema da gemelaridade. O primeiro deles, proveniente dos grupos indígenas da Columbia Britânica da América do Norte, dizem respeito às histórias de Lince e Coiote, dois personagens gêmeos e antitéticos, que aparecem nas narrativas como figuras semelhantes de início, mas que ao longo da vida se distanciam moral e fisicamente (SZTUTMAN, 2009).

O segundo conjunto, por sua vez, trata-se dos mitos Tupinambá, recolhidos na América do Sul, mais precisamente na atual região sudeste do Rio de Janeiro, antiga colônia francesa em 1555. O primeiro par de gêmeos deste segundo



conjunto de mitos consiste nos filhos de Sumé - descendentes de Maíra-Monan - Aricuté e Tamendonaré, um de índole pacífica e o segundo de temperamento intempestivo. Outro par de personagens antagônicos que aparece nas narrativas míticas recolhidas por Thevet diz respeito a Gambá e Maíra-ata, filho de Maíra-Potchy, descendente de Maíra-Monam.

Tais narrativas, contam, de modo geral, a história de uma sucessão de destruições e recriações do mundo, e tem como protagonistas o emblemático par “demiurgo e deceptor”. No interior dessas sucessões cósmicas engendradas por esse par, tais mitos revelam o desdobramento dialético de novos elementos do mundo, dispostos de modo antitético: concidadãos e inimigos, índios e brancos, criador e criatura, forte e fraco, claro e escuro, e assim por diante.

Enquanto demiurgos, Lince e Maíra-Ata, criam novos elementos do mundo a partir de rupturas, produzindo, assim, o descontínuo a partir do contínuo (LÉVI STRAUSS, 1991). Já Coiote e Gambá desempenham o papel de deceptores / mediadores lógicos, que reúnem o dual e representam em sua própria figura um paradoxo.

Notemos, nesse sentido, o movimento dialético do mito produzido pelos deceptores: ao mesmo tempo que criam singularidades, eles estabelecem pontes de conexão entre elas. Todavia, a construção das singularidades duais acarreta, de maneira interminável, em outras singularidades duais, criando, desse modo, uma construção dialética no interior da narrativa. O dualismo presente na mitologia ameríndia não se trata, por conseguinte, de uma dicotomia simples, mas sim, de um dualismo dinâmico, instável e em constante desequilíbrio.

## A Generalidade nos Mitos Europeus e Ameríndios

O dualismo é a marca registrada dos mitos ameríndios. Nesses, a figura dos gêmeos está sempre pautada por uma dicotomia antitética, da qual resultam novas criações. O dualismo intrínseco ao pensamento mítico está presente, seja na desigualdade entre os sexos (gêmeo e gêmea), que origina uma primeira humanidade nascida do incesto entre ambos, seja na oposição dos pontos de vistas que resulta na criação da vida e da morte, seja na diferença dos dotes físicos e/ou morais, que acarreta na necessidade de um gêmeo sempre ressuscitar e consertar os erros do outro.

Partindo dessa constatação, Lévi-Strauss, no final de *História de Lince*, identifica, no mito indo-europeu, a figura dos gêmeos Castor e Pollux, o que o leva a estabelecer comparações entre tais narrativas míticas, provenientes de lugares tão distantes. Nascidos da mesma mulher, Leda, os gêmeos Castor e Pólux têm diferentes origens paternas. Embora casada com Tíndaro, Leda engravida de Zeus quando este se transforma em um cisne e se aproxima dela durante o banho em um rio. A jovem, ao pôr o animal no colo e acariciar, engravida. Ao dar a luz a gêmeos, Castor (filho de Tíndaro), nasce mortal, e Pólux (filho de Zeus) imortal. Ambos crescem juntos e se tornam grandes amigos. Certo dia, Castor morre, e Pólux pede a seu pai que deixe seu irmão partilhar da mesma imortalidade. Com isso, os gêmeos tornam-se iguais.

De algum modo, os mitos de todo o mundo, embora sejam infinitamente diversos no que diz respeito ao seu conteúdo, parecem assemelhar-se em relação as suas operações lógicas. Isso, de acordo com o pai da antropologia estrutural, se deve ao fato de que todos manipulam um pequeno número de inversões, oposições, como é o caso dos gêmeos e dos operadores lógicos, como os tricksters mediadores (KECK, 2013). Como explica Lévi-Strauss, "(...) o espírito humano se

move num campo limitado de possibilidades, de forma que configurações mentais análogas podem, sem que seja preciso invocar outras causas, repetir-se em épocas e locais diferentes (LÉVI-STRAUSS, ERIBON, 2005, p. 183).

No entanto, apesar das inúmeras similaridades estruturais entre as narrativas, embora a condição de nascimento dos gêmeos seja semelhante em ambos os mitos, “nascidos de casais, ou no mínimo de pais, diferentes” (LÉVI-STRAUSS, 1995, p.206), a homogeneidade necessária no mito indo-europeu para garantir a existência e vida conjunta entre os gêmeos, é substituída, nos mitos ameríndios, pelo dualismo antitético, que garante não apenas a condição de existência dos gêmeos na mitologia ameríndia, mas a origem de diversos elementos do mundo.

Nesse sentido, nota-se que colocar os gêmeos em posição de igualdade não faz parte da lógica de pensamento mítico ameríndio, inclusive porque esse atribui à simetria uma conotação negativa e indesejável (LÉVI-STRAUSS, 1955). As figuras de Lince e Coiote, por exemplo, nascem semelhantes e se diferenciam posteriormente. Os filhos de Sumé, por sua vez, nascem do mesmo pai, Maíra-Monan, mas têm temperamentos radicalmente diferentes. Em geral, antíteses são criadas pelas sucessivas criações e destruições cósmicas dos demiurgos, e é essa relação dual e opositiva entre os elementos que, dialeticamente, originam diversos elementos do mundo.

As variantes dos mitos, isto é, as transformações que esses sofrem ao longo do espaço e do tempo, podem acabar reconfiguradas pela inserção de alguns empréstimos. Todavia, tais empréstimos não devem ser entendidos como uma mera aplicação motivada pelo encanto em relação a certos elementos estrangeiros, mas como uma ação pensada de forma lógica, com o intuito de “suprimir a falta de algo cuja necessidade se fazia sentir obscuramente” (LÉVI-STRAUSS,

1991, p. 177), ou ainda como uma simples exaltação.

O pensamento mítico ameríndio, por exemplo, integra certos elementos provenientes de outras culturas, no interior de uma estrutura mítica prévia. É o caso dos mitos ameríndios analisados por Lévi-Strauss, que incorporaram alguns objetos europeus em suas narrativas (espingarda, cavalos selados, *stûq*) sem, contudo, alterar a estrutura lógica da narrativa. E, na realidade, tais transformações servem, na maioria das vezes, para reforçar a estrutura da narrativa.

## **O Dualismo e o Lugar dos Brancos no Pensamento Ameríndio**

A filosofia que está na base de todo o pensamento ameríndio é, portanto, a do dualismo em constante instabilidade, o qual produz, de forma interminável, novos dualismos dinâmicos.

Essa ideologia bipartida, para o autor, conduz os ameríndios, do ponto de vista ético e subjetivo, a uma abertura a *um outro*, ao qual caberia completar o vazio inerente a esse esquema dual de pensamento. Desse modo, o lugar dos brancos forasteiros, sustenta Lévi-Strauss, estaria pré-figurado pela própria estrutura dual e opositiva intrínseca ao pensamento ameríndio, a qual se manifesta na mitologia desses povos, preenchendo o vazio que o pensamento dual relega ao “outro”, ao não indígena.

Os mitos ameríndios, portanto, tornam tais figuras históricas pensáveis incorporando-as num esquema estrutural prévio de trato com a diferença e com a alteridade humana e não humana (STZTUTMAN, 2009), o qual está assentado no princípio ontológico do dualismo, que se expressa no tema recorrente na mitologia ameríndia da gemelaridade em perpétuo desequilíbrio. Ao mesmo tempo, todavia, que o branco é integrado, a mitologia ameríndia delimita a distância

e a diferença irreduzível estabelecida em relação a tais pares de opostos.

Dessa forma, o princípio dicotômico ameríndio seria uma manifestação de um princípio estrutural do espírito humano, comum às mitologias da América do Sul e do Norte (Columbia britânica), o qual, como mostra Lévi-Strauss em *O Cru e o Cozido* a partir do caso dos povos bororo do tronco Jê, está por trás, não apenas das reflexões e do modo de operar dos mitos ameríndios, mas da forma como esses pensam os seus sistemas de filiação, a organização social do povo e o arranjo socioespacial de suas aldeias. De um lado, tal princípio transcenderia e independeria de todo e qualquer sujeito particular, e de outro, seria constitutivo da estrutura imaginária - inconsciente dos ameríndios, determinando o seu modo de compreender a vida, a cultura, a sociedade e a história.

Juntamente ao princípio do dualismo filosófico e existencial, há no pensamento ameríndio, segundo Lévi-Strauss, uma recusa ontológica da fixidez e da identidade, bem como de uma afirmação da irreduzibilidade do singular, da assimetria, da diferença e do desequilíbrio enquanto elementos norteadores do pensamento e da vida, algo que fica evidente na análise do autor, exposta anteriormente, acerca dos gêmeos desiguais presentes nos mitos de *História de Lince*. O princípio do dinamismo, portanto, para Lévi-Strauss, também está na base da compreensão dos acontecimentos históricos e, especialmente, do fatídico encontro com os brancos conquistadores da América (SZTUTMAN, 2009).

A dualidade permanece, portanto, nas narrativas míticas ameríndias, sempre em perpétuo desequilíbrio. E, segundo o autor, isso não se dá por mera contingência: essa instabilidade ilumina um elemento crucial do pensamento dicotômico ameríndio, a saber, a consciência de que as relações entre os pares antitéticos podem, a todo instante, se transformar. Como

a relação entre os opostos está em perpétua instabilidade, os brancos, por exemplo, descritos em muitos mitos trabalhados pelo autor nas *Mitológicas*, como seres poderosos, superiores, portadores das riquezas, podem se transformar, em outras versões, naqueles que nada tem. Há, portanto, na filosofia ameríndia, a potente ideia de que as relações culturais, sociais e históricas, por serem instáveis, podem ser invertidas e reconfiguradas a qualquer instante.

## Referências Bibliográficas

GAMA, D.. Do mito à alegoria: revisitando os caminhos do pensamento selvagem em Lévi-Strauss. *Revista Filosofia Capital*, Brasília, v.8, n. 15, p. 52- 65, 2013.

KANT, I. *A crítica da razão pura*. 4 ed.. São Paulo: Editora vozes, 2015.

KECK, F.. *Introdução a Lévi-Strauss*. 1 ed.. São Paulo: Contraponto, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos. In: *Antropologia estrutural*. 2 ed.. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LÉVI-STRAUSS, C.. *História de Lince*. 1 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

LÉVI STRAUSS, C.. *O cru e o cozido: Mitológicas I*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

LÉVI-STRAUSS, C.. *Antropologia estrutural dois*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976.

LÉVI-STRAUSS, C.. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C.. *O pensamento selvagem*. 1 ed.. Campinas: Papyrus, 1989.

LÉVI-STRAUSS, C.; ERIBON, D. *De perto e de longe*. 1 ed.. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PIMENTA, P. P.. Kant no pensamento selvagem de Levis Strauss. *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, v. 56, n.1, 2013.

PERRONE-MOISÉS, B. Prefácio. In.: LÉVI-STRAUSS, C.. *O Cru e o Cozido: Mitológicas I*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

SZTUTMAN, R.. Ética e profética nas Mitológicas de Lévi-Strauss. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 293-319, jan./jun. 2009.

WERNECK, M.. Claude Lévi-Strauss e as anamorfozes do mito. *Margem*, São Paulo, n. 16, P. 51-63, dez. 2002.

## Como citar

DA ROCHA, Thiago. O dualismo filosófico e o lugar dos brancos conquistadores no pensamento ameríndio, segundo Claude Lévi-Strauss. *Primeiros Estudos: Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 78-101, 2023. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v10i2pe00102204